

## TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA AVALIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA QUALIFICAR A PRÁTICA DOCENTE

INFORMATION TECHNOLOGY IN THE EVALUATION PROCESS AS A STRATEGY TO QUALIFY TEACHING  
PRACTICE

- **Andrew Roberto Lopes Ferreira** (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – [andrew.ferreira@gmail.com](mailto:andrew.ferreira@gmail.com))
- **Cênio Back Weyh** (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – [ceniow@san.uri.br](mailto:ceniow@san.uri.br))

### Resumo:

O trabalho de caráter bibliográfico, resulta de uma investigação em andamento no Mestrado Profissional, tendo como objetivo discutir a prática avaliativa no contexto das tecnologias da informação e propor uma ferramenta que apresente subsídios para os educadores terem um feedback das avaliações e possam melhorar sua prática em sala de aula. A avaliação é uma atividade constante e necessária na prática docente. Seu principal objetivo é o de auxiliar no ensino aprendizagem, mas algumas vezes acaba sendo utilizada apenas como uma necessidade administrativa para classificar os estudantes e dar prosseguimento no atual modelo seriado da escola. Porém a avaliação deveria ser parte da prática de ensino e dar subsídios para melhorar esta prática, que tem como finalidade última a aprendizagem do aluno. Nesse sentido a tecnologia da informação vem para contribuir nessa prática avaliativa como mediação pedagógica, dando subsídios para que a avaliação seja utilizada como ferramenta de melhoria da prática docente.

**Palavras-chave:** Avaliação escolar. Tecnologias da informação. Prática docente.

### Abstract:

The bibliographic paper results from an ongoing research in professional master's degree, aiming to discuss the evaluation practice in the context of information technologies and propose a tool that will provide the educators a feedback from the evaluations and improve their classroom practice. Educational evaluation is a constant and necessary activity in teaching practice. Its main objective is to assist in teaching learning, but sometimes results only as an administrative necessity to classify the students and continue in the current model of the seriated school. However, the evaluation should be part of teaching practice and give subsidies to improve this practice, which has the ultimate purpose of student learning. In this sense, information technology comes to contribute to this evaluative practice as pedagogical mediation, giving subsidies for the evaluation to be used as a tool to improve teaching practice.

**Keywords:** Educational evaluation, information technologies, teaching practice.

## 1. Introdução

A avaliação é uma atividade essencial na educação e no planejamento da prática pedagógica do docente. A avaliação é necessária no sentido de acompanhamento do processo de apropriação e complexificação do conhecimento. Avaliar consiste na realização de ações, pelo professor e pelos alunos, com vistas ao acompanhamento ativo da evolução de aprendizagens relevantes e significativas, que contribuam para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias aos integrantes da sala de aula para a vida em sociedade. A ação de avaliar é fundamental para saber se o aluno está aprendendo, quem precisa de ajuda e qual é a ajuda que necessita para continuar avançando.

Portanto, a avaliação deve servir como subsídio para a tomada de decisões que orientem o ensino, pois por meio dela é oportunizado ao estudante demonstrar o que aprendeu e ao professor verificar através de uma análise autocrítica não apenas se os seus objetivos foram alcançados como também se os procedimentos usados foram apropriados. Neste sentido, a avaliação é instrumento que deve ser utilizado como estratégia para pensar e planejar a prática didática.

Neste trabalho serão abordados alguns aspectos da avaliação educacional, bem como o uso de tecnologias da informação na avaliação e como estas tecnologias podem qualificar a prática docente.

## 2. Avaliação escolar

Em 1930 Ralph Tyler criou a expressão “avaliação da aprendizagem escolar”. Até então utilizava-se a expressão “exames escolares”. Foi ele que no contexto geral iniciou um movimento pró-avaliação da aprendizagem em oposição aos exames escolares.

A proposta de Tyler era a do “ensino por objetivos”, que tinha por base tarefas pré-estabelecidas. Proceder ao ensino, servindo-se dos recursos necessários, e no processo de ensinar e aprender, em determinados momentos, diagnosticar se a aprendizagem se dera ou não. Pois o aproveitamento não vem da ameaça nem do medo da reprovação, mas sim de uma orientação consistente da aprendizagem, mediante adequados processos de ensino.

Luckesi (2011a) critica a forma de aplicação de exames escolares que possuem praticamente as mesmas prescrições disciplinadoras descritas no *Ratio studiorum*, escrito em 1599. E repetimos genericamente estas práticas até hoje por termos aplicado elas durante tantos anos consecutivos.

A avaliação adquire seu sentido na medida em que articula com o projeto pedagógico e conseqüentemente com o projeto de ensino. A avaliação tanto no geral como no caso específico da aprendizagem não possui uma finalidade em si, ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido (LUCKESI, 2011b).

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem deve ser realizada de forma contínua, cumulativa e sistemática na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, em relação à programação curricular.

Para Libâneo (1994):

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. (LIBÂNEO, 1994, p.195)

Assim, desenvolve-se a noção de responsabilidade e uma atitude crítica. Para isso é necessário criar oportunidades para que se pratique a auto avaliação, começando pela apreciação de si mesmo, de seus erros e acertos, assumindo a responsabilidade por seus atos. Daí a necessidade de uma educação dialógica, abalizada na troca de ideias e opiniões, de uma conversa colaborativa em que não se conjectura o insucesso do aluno. Quando o educando sofre com o insucesso, também fracassa o professor.

Sanceverino (2016) conclui que as práticas pedagógicas mediadoras constituem-se pelo exercício do diálogo como fundamento no qual os docentes buscam estratégias de formação inovadora visando à superação de práticas "bancárias" e visões etnocêntricas.

Corrigir para coletar dados sobre a aprovação ou reprovação reflete a visão positivista da avaliação. Refletir em conjunto com o aluno sobre o objeto do conhecimento, para encaminhar-se para a superação, significa desenvolver uma relação dialógica, princípio fundamental da avaliação mediadora (HOFFMANN, 2004). Assim, a avaliação deve deixar de ser um processo de cobrança e se transformar em mais um momento de aprendizagem tanto para o aluno quanto para o professor.

Romão (2005) enfatiza que a avaliação da aprendizagem é um tipo de investigação e é também um processo de conscientização sobre a "cultura primeira" do educando, com suas potencialidades, seus limites, seus traços e seus ritmos específicos. Ao mesmo tempo, ela propicia ao educador a revisão de seus procedimentos e até mesmo ao questionamento de sua própria maneira de analisar a ciência e encarar o mundo. Ocorre neste caso um processo de mútua educação.

Freire (apud Romão, 2005) tratando do levantamento e da pesquisa temática geradora nos processos de alfabetização libertadora, assim se exprimiu:

Quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando. Educação e investigação temática, na concepção problematizadora da educação, se tornam momentos de um mesmo processo. [...] A tarefa do educador dialógico é, trabalhando em equipe interdisciplinar este universo temático, recolhido na investigação, devolvê-lo, como problema, não como dissertação, aos homens de quem recebeu. (FREIRE apud ROMÃO, 2005, p.101)

O educador que avalia a aprendizagem deve ter a disposição de acolher o que ocorre com o educando e, a partir daí encontrar um modo de agir que seja construtivo. Sem essa disposição não há avaliação construtiva.

Vasconcelos (1995) idealiza que se espera de uma avaliação numa perspectiva transformadora é que seus resultados constituam parte de um diagnóstico, que a partir destas análises sejam tomadas decisões sobre o que fazer para superar os problemas

constatados, isto é, perceber a necessidade do aluno e intervir na realidade para ajudar a superá-la.

Melchior (2001) atribui uma das causas do fracasso escolar, por inúmeras razões, é a própria avaliação. Por isso ela tem sido tema de muitos estudos e discussões, visando as mudanças necessárias para minimizar a problemática existente, quanto a sua realização. No entanto o resultado desses estudos não tem contribuído para sua melhoria, provavelmente, porque são analisados os problemas existentes, mas não são apresentadas estratégias que contribuam para a sua qualificação. Se em outras áreas ou setores o objetivo da avaliação é melhorar o resultado do produto, e isto em geral acontece, por que, na Educação, em que a avaliação é tão enfatizada, não ocorrem as mudanças esperadas?

Barbosa *et al* (2012) estudaram a influência do grau de exigência em provas sobre itens de avaliação docente pelo discente, e concluíram que quanto mais difíceis eram as provas aplicadas pelo docente, menor era sua nota em alguns itens como capacidade de despertar interesse pelo aluno; interesse na aprendizagem e coerência nas avaliações de acordo com as aulas.

De encontro a isso Biani e Betini (2010) propõem que ao invés de se planejar, executar e avaliar, como a “lógica da didática tradicional” prática, dever-se-ia avaliar, planejar e executar, para que se possa verificar os saberes dos alunos para depois planejar com precisão os objetivos a serem alcançados com os recursos disponíveis.

Há necessidade de redefinição do papel da escola e do professor frente às exigências do contexto atual, visando uma nova postura em relação ao processo avaliativo, complementando-a com a recuperação para diminuir os índices de reprovação e evasão escolar.

### 3. Tecnologias na avaliação escolar

O uso de tecnologias da informação vem sendo cada vez mais presente e implantado na maior parte das instituições de ensino, porém ainda há muitas instituições sem os recursos financeiros necessários para a implementação plena de uma estrutura de informatização.

Ao longo dos últimos anos, mídias digitais e redes sociais têm se incorporado cada vez mais em nossas vidas, e fazem parte de mudanças mais amplas nas formas como nos envolvemos na produção do conhecimento, na comunicação e na expressão criativa. Vários estudiosos das ciências da educação e da comunicação têm abordado essa integração como um campo de oportunidades e de ambiguidade, que desafia os limites das instituições, das comunidades de profissionais e dos alunos.

Ferreira (2017) aponta que quase uma década atrás, Kristen Drotner clamou pelo desvelar das interseções entre teorias de aprendizagem e teorias das mídias, a fim de mapear os facilitadores e as restrições socioculturais dos processos envolvidos na formação de competências. A autora analisou o paradoxo da formação de competências digitais (também conhecida como letramento digital), definido por discursos acerca da sociedade da informação e da economia do conhecimento, ressaltando uma contestação renovada daquilo que se aceita como formas legítimas de comunicação, participação e conhecimento proporcionadas por práticas narrativas digitais, que opõem-se àquelas que as abordagens

institucionais promovem como as formas mais relevantes de conhecimento e da aprendizagem (DROTNER, 2008 apud FERREIRA, 2017, p. 304).

A informática não é objeto de aprendizagem, mas ela está a serviço da aprendizagem, para que os educadores possam se utilizar de modelos eficazes de integração pedagógica dessas tecnologias. As competências tecnopedagógicas são competências transversais, que devem ser construídas pelos futuros docentes no conjunto de suas atividades de aprendizagem e não separadamente (MORAN, 2013).

Neste aspecto, aproximando-se as novas tecnologias junto ao contexto escolar, pode-se ter um novo rumo na melhoria da avaliação escolar, pelo uso de ferramentas que auxiliem na tomada de decisão e na reflexão sobre a avaliação.

Segundo Luckesi (2011a), o processo de verificar configura-se pela observação, obtenção e síntese dos dados ou informações que delimitam aquilo que supostamente se pretende avaliar e encerra-se com a obtenção dos dados ou informações que se buscava. Para o autor, o ato de avaliar implica a coleta, análise e síntese dos dados que unidos, formam o objeto de avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que deve ser obtida por meio da comparação dos resultados e de um nível de expectativa preestabelecido.

Ao contrário da verificação, a avaliação da aprendizagem não se encerra após a atribuição de valor ou qualidade, exige uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto avaliado e, conseqüentemente, conduz a uma tomada de decisão sobre manter ou não o objeto como está. Luckesi (2011a) ressalta que caso a qualidade se mostre insatisfatória, os dados obtidos na avaliação deverão subsidiar ações que direcionem a aprendizagem do aluno.

Em seu estudo sobre teste de progresso, Pinheiro et al (2014) deixa claro a importância do uso das tecnologias de informação para gerir e melhorar a avaliação escolar. Demonstrando que por meio da aplicação sistemática de instrumentos avaliativos e posterior análise das estatísticas é possível comparar em quais temas os alunos estão com mais dificuldade e necessitando ser revisto a prática didática e/ou o método avaliativo.

Neste mesmo viés, Trevisan e Buriasco (2015) no estudo intitulado “reflexão a respeito da própria prática avaliativa: um estudo com prova em fases”, concluem que o estudo sobre a forma de avaliação leva a repensar não só a prática em sala de aula, mas também a própria prática avaliativa, para evitar que a avaliação tome um caráter apenas certificador, mas também possa ter um caráter orientador para o docente.

#### 4. Considerações finais

Considerando as discussões feitas neste trabalho percebe-se a importância de construir / selecionar ferramentas tecnológicas que possam auxiliar nesta tarefa de melhorar a prática docente e em especial na prática avaliativa. Existem softwares comerciais que fazem gestão escolar e gestão de avaliação, mas geralmente a nível de escola como um todo, não dando oportunidade para o docente utilizar por conta própria. É imperativo que exista uma ferramenta que possibilite ao docente organizar suas avaliações e gerenciar o desempenho e progresso dos seus educandos e que ele possa fazer uso disso

individualmente e gratuitamente, e assim repensar a sua prática para garantir a constante melhoria.

## 5. Referências bibliográficas

BARBOSA, Alex Cabral. SHIMODA, Eduardo. SANT'ANA, Iana M. *et al.* Influência do grau de exigência em provas sobre itens da avaliação docente pelo discente. **Revista Perspectivas Online: Exatas & Engenharias**. v.2 n.3 Campos dos Goytacazes. 2012.

BIANI, Rosana Prado. BETINI, Maria E. Sigrist. Do avaliar a aprendizagem ao avaliar para a aprendizagem: por uma nova cultura avaliativa. **Educação: Teoria e Prática**. v.20 n.35 jul./dez. Rio Claro. 2010.

FERREIRA, Giselle Martins dos Santos. ROSADO, Luiz A. da Silva. CARVALHO, Jaciara de Sá. **Educação e Tecnologia: abordagens críticas**. Rio de Janeiro: SESES, 2017.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**. Uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática Coleção Magistério 2º Grau Série Formando Professor**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

\_\_\_\_\_, **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação para qualificar a prática docente**: espaço para a ação supervisora. Porto Alegre: Premier, 2001.

MORAN, Jose Manuel; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª ed., São Paulo: Papirus, 2013.

PINHEIRO, Osni Lázaro. SPADELLA, Maria Angélica. MOREIRA, Haydée Maria. *et al.* Teste de progresso: uma ferramenta avaliativa para gestão acadêmica. **Revista Brasileira de Educação Médica** v.39 n.1 2015.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica**: desafios e perspectivas. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANCEVERINO, Adriana Regina. Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática. **Rev. Bras. Educ.** v.21 n.65 Rio de Janeiro abr./jun. 2016.

TREVISAN, André Luis. BURIASCO, Regina L. Corio. Reflexão a respeito da própria prática avaliativa: um estudo com prova em fases. **Revista Iberoamericana de Educación.** v.69 n.3 2015.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação concepção dialético-libertadora.** São Paulo: Liberdade, 1995.